

**LINGUAGEM E VIOLÊNCIA A PARTIR DE NIETZSCHE**Rayanderson C. de Jesus<sup>1</sup>, Alan Sampaio<sup>2</sup>

1. Estudante da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
2. Professor da UNEB – Departamento de Educação I / Orientador

**Resumo**

De natureza filosófica, esta pesquisa investiga o caráter metafórico e violento da linguagem. É uma pesquisa bibliográfica, atravessada por conceitos do campo da ética e filosofia da linguagem, que visou compreender como a linguagem está ontologicamente vinculada ao fenômeno da violência. Reconhecemos Nietzsche como ponto de partida, pois foi ele quem fez a primeira crítica contundente, de um ponto de vista de suas relações com a moral, à generalização da função representativa da linguagem (e à perspectiva correspondentista da verdade) realizada pelos filósofos. O cerne de nossa discussão situa-se na história da filosofia contemporânea, ela parte das considerações de Nietzsche sobre a linguagem, e encontra nas obras de Jacques Derrida, Judith Butler e Slavoj Žižek suas repercussões.

**Palavras-chave:** anti-representacionismo; Žižek; Butler.

**Apoio financeiro:** PICIN/UNEB.

**Trabalho selecionado para a JNIC:** UNEB.

**Introdução**

Acerca da concepção de violência, foi decisiva a distinção que Slavoj Žižek faz das “violências” no livro *Violência: seis reflexões laterais*. Segundo o filósofo, a violência subjetiva, que é aquela em que o agente do ato é facilmente identificável e cujo efeito de comoção permeia o discurso nas mídias, não só tem um alcance mais limitado, como depende das duas violências objetivas: a estrutural (a exemplo dos sistemas econômicos) e a simbólica (que engloba tanto os atos violentos que ocorrem na linguagem quanto uma violência que é própria da linguagem). A violência objetiva é mais opaca, menos discernível enquanto violência, e mais abrangente do que a subjetiva.

Nietzsche foi o primeiro a pensar radicalmente contra a ideia de que a linguagem representa o mundo. Na verdade, a linguagem só pode cumprir a função denotativa porque antes diz o que os seres são. De modo ainda mais radical, foi ele que, antes de Saussure e Wittgenstein, mostrou como nossos pensamentos são dependentes da estrutura gramatical que os torna possíveis. Não se fez, porém, um estudo da obra nietzschiana, senão encontraram-se ecos de sua produção em autores contemporâneos. Além da análise da bibliografia clássica de teoria da linguagem, noções de linguagem de Martin Heidegger e John Langshaw Austin. A filósofa mais estudada foi Judith Butler, precisamente por reunir em sua teoria da performatividade tanto a concepção nietzschiana-heideggerina de que a língua essencializa as coisas, os fenômenos e, no limite, o próprio mundo, quanto a via mais pragmática da teoria dos atos de fala de Austin.

Esta pesquisa teve como objetivo *transportar a compreensão da violência em suas subjetividades e investigar no campo simbólico (da linguagem) suas condições de possibilidade*. Assim, buscou-se investigar não somente os fenômenos explícitos em que a língua é o meio em que as agressões ocorrem, mas, primeiramente, como a própria linguagem, em sua “simbolização do mundo”, exerce uma violência de caráter ontológico. Entendemos que a crítica ao representativismo da linguagem foi o movimento inicial que fomentou na contemporaneidade, em autores como Slavoj Žižek e Judith Butler, as vias para a discussão de como questões éticas e políticas (como a da violência) são condicionadas por uma historicidade linguística que ultrapassa os limites do sujeito.

**Metodologia**

Iniciamos com a organização de um plano de estudos panorâmico, onde (1) analisando obras clássicas da filosofia da linguagem: *O Crátilo* de Platão; *De Magistro* de Santo Agostinho; *Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações filosóficas* de Ludwig Wittgenstein; e *How to do Things With Words* de J. Austin – buscamos compreender como se dá, na história da filosofia, o problema da representação até a emergência do pensamento anti-representacionista. Foi através dessa atividade que foi possível delimitar quais textos da filosofia da linguagem constituiriam nosso aparato conceitual.

Em seguida, (2) buscamos uma bibliografia que articulasse a teoria da linguagem no campo da ética, nossa pesquisa voltou-se aos textos de Slavoj Žižek, Austin, Judith Butler e seus interlocutores. Como exercício de compreensão do texto, (3) realizamos uma tradução da introdução da obra inédita *Excitable Speech* (1997, p. 1-41), acompanhada de uma apresentação de cinco páginas.

Durante todo período da bolsa realizamos reuniões periódicas com debates e apresentações concernentes à pesquisa; nas quais também foram apresentados fichamentos e trechos de traduções.

## Resultados e Discussão

Os resultados obtidos até aqui nos permitiram realizar produções textuais, traduções e apresentações em eventos acadêmicos. Dentro os resultados alcançados, destacamos a publicação de uma tradução inédita de Judith Butler, acompanhada de uma apresentação. Neste trabalho, tratamos da questão da ferida linguística (*linguistic injury*) e destacamos os conceitos importante que a filósofa tornou próprios de sua obra: performatividade, atos de fala (de Austin), interpelação (de Althusser), citacionalidade e iterabilidade (de Derrida), agência (de Toni Morrison).

Foram apresentadas as comunicações “Butler e o caráter citacional dos atos de fala” (apresentada na Semana Inaugural do Curso de Filosofia da UNEB); “Ódio citável: Judith Butler e a crítica a pressuposta soberania do sujeito falante nos casos de *hate speech*” (apresentada no XVI Seminário de Graduação de Filosofia da UFBA); “Linguagem e violência: uma abordagem filosófica” na XXV Jornada de Iniciação Científica da UNEB (premiado em 1º lugar na área de Ciências Humanas).

## Conclusões

Quando lemos toda a revisão de História da Filosofia sobre o tema da linguagem em Ernst Cassirer (1994, 2001, 2000) ou em Étienne Gilson (1974), não encontramos nenhum traço de violência na constituição da linguagem e, por outro lado, a crítica à concepção representacionista da linguagem é demasiado insuficiente. Em parte, se pode dizer que isto se deve porque Cassirer escreve antes propriamente da virada linguística, e Gilson, ainda sob o impacto que o tsunami que a filosofia do segundo Wittgenstein representa para toda a reflexão filosófica sobre a linguagem que o antecede. Todavia, não é a partir de Wittgenstein ou mesmo dos pragmatistas que o tema da linguagem está associado ao da violência, senão a partir de Nietzsche, cujo impacto se deu inclusive sobre o próprio Wittgenstein (1991), quando este remete, em suas *Aulas e Conversas sobre estética, psicologia e fé religiosa*, à famosa passagem sobre os sentidos do castigo da *Genealogia da moral* (II, § 13). No caso, porém, apenas no aspecto anti-representacionista, deixando de lado, precisamente o campo moral, caro a Nietzsche.

Acredita-se comumente que a entrada no campo da linguagem significa uma renúncia a violência. O que percebemos, contudo, é que a linguagem não é só *meio para um tipo violência*, mas que, fundamentalmente, ela *exerce sua própria violência* na medida em que dá essência àquilo supostamente representaria.

A partir da divisão zizekiana da violência em suas modalidades objetivas (simbólica/linguagem e estrutural) e subjetiva, observamos que as eclosões de violências subjetivas, constantemente representadas em manchetes de jornal e ficções, nada mais são do que sintomas da violência objetiva: *toma-se o efeito como causa*. O filósofo fará oposição a resoluções imediatistas que miram somente os sintomas subjetivos e que assim, acabam por dissimular a percepção das violências objetivas.

A obra de Judith Butler se define pelo campo ético político pensado desde a linguagem, compreendida em sua dimensão performativa. Em Butler, observamos que a linguagem possui um poder de ferir, mas que, ao invés de buscar esse poder nas palavras malditas, deveríamos nos questionar sobre a condição de possibilidade desse poder. A linguagem possui um poder formativo, e nossa vulnerabilidade a ela é uma evidência de como somos constituídos em seus termos, de como somos, de fato, *seres linguísticos*.

## Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. *De Magistro*. Tradução de Ângelo Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
- AUSTIN, John. L. *How to do things with words*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BUTLER, Judith. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. New York: Routledge, 1997.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 391p. (Tópicos).
- \_\_\_\_\_. *A filosofia das formas simbólicas: I- a linguagem*. Tradução Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Tópicos).
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e mito*. Trad. J. Guinsburg, Miriam Schnaidermann. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Debates. Filosofia, 50).
- DE JESUS, R. C.; SAMPAIO, A. *Apresentação e tradução de Excitable Speech: Sobre a vulnerabilidade linguística* (Judith Butler). Anánsi: Revista de Filosofia, Salvador, v. 2, n. 1, p. 190-227, 17 jul. 2021. Disponível em &60; <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/11885&62;>; Acesso em: 30 de setembro de 2021.
- DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, Papirus, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx*: Teatrum Philosophicum. Tradução: Jorge Lima Barreto. Porto: Rés, 1975. (Cadernos de teoria e conhecimento, 1).
- GILSON, Étienne. *Lingüística e filosofia: ensayo sobre las constantes filosóficas del lenguaje*. Version española de Francisco Béjar Hurtado. Madrid: Editorial Gredos, 1974. (Biblioteca hispánica de filosofía, 83).

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. e apresentação Emmanuel Carneiro Leão. 9. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966. (Coleção Tempo Universitário).

NIETZSCHE, Friedrich. *Curso de Retórica*. Tradução e apresentação de Thelma Lessa da Fonseca. Cadernos de tradução, São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, n. 4, p. 21-68, 1999.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Obras de Nietzsche).

\_\_\_\_\_. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. In: \_\_\_\_\_. Obras incompletas. Seleção de textos de Gerard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 115-140.

PLATÃO. *Crátilo*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. 226 p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os pensadores).

\_\_\_\_\_. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

ŽIŽEK, Slavoj. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.